

Duas horas se detivera João da Cruz fora de casa. Chegou quando a curiosidade do estudante era já sofrimento.

– Estará seu pai preso?! – dissera ele a Mariana.

– Não mo diz o coração, e o meu coração nunca me engana – respondera ela.

E Simão replicara:

– E que lhe diz o coração a meu respeito, Mariana? Os meus trabalhos ficarão aqui?

– Vou-lhe dizer a verdade, senhor Simão... mas não digo...

– Diga, que lho peço, porque tenho fé no bom anjo que fala em sua alma. Diga...

– Pois sim... O meu coração diz-me que os seus trabalhos ainda estão no começo...

Simão ouviu-a atentamente, e não respondeu. Assombrou-lhe o ânimo esta ideia torva, e afrontosa à singela rapariga: – «Pensará ela em me desviar de Teresa, para se fazer amar?».

Pensava assim quando chegou o ferrador.

– Aqui estou de volta – disse ele com semblante festivo. – Sua mãe mandou-me chamar...

– Já sei... E como soube ela que eu estava aqui?

– Ela sabia que o fidalgo estivera cá; mas cuidava que vossa senhoria já tinha ido para Coimbra. Quem lho disse não sei, nem perguntei; porque a uma pessoa de respeito não se fazem perguntas. Dizia ela que sabia o fim a que o senhor viera esconder-se aqui. Ralhou alguma coisa; mas eu, cá como pude, acomodeia-a, e não há novidade. Perguntou-me o que estava o menino fazendo aqui depois que a fidalguinha fora para o convento. Disse-lhe que vossa senhoria estava adoentado de uma queda que dera do cavalo abaixo. Tornou ela a perguntar-me se o senhor tinha dinheiro; e eu disse que não sabia. E, vai ela, foi dentro, e voltou daí a pouco com este embrulho, para eu lhe entregar. Aí o tem tal e qual; não sei quanto é.

– E não me escreveu?

– Disse que não podia ir à escrivania, porque estava lá o senhor corregedor – respondeu com firmeza mestre João – e também recomendou que não lhe escrevesse vossa senhoria senão de Coimbra, porque se seu pai soubesse que o menino cá estava ia tudo raso lá em casa. Ora aí está.

– E não lhe falou nos criados de Baltasar?

– Nem um pio!... Lá na cidade ninguém já falava nisso hoje.

– E que lhe disse da senhora D. Teresa?

– Nada, senão que ela fora para o convento. Agora deixe-me ir amantar a égua, que está a escorrer em fio. Ó rapariga, traz-me cá a manta.

Enquanto Simão contava onze moedas menos um quartinho, maravilhado da estranha liberalidade, Mariana, abraçando o pai no repartimento vizinho da casa, exclamava:

– Arranjou muito bem a mentira!...

– Ó rapariga, quem mentiu foste tu! Aquilo lá o arranjaste tu com essa tua cabecinha! Mas a coisa saiu ao pintar, hein? Ele comeu-a que nem confeitos! Anda lá, que ficaste sem os bezerros; mas lá virá o tempo em que ele te dê bois a troco dos bezerros.

– Eu não fiz isto por interesse, meu pai... – atalhou ela ressentida.

– Olha o milagre! Isso sei eu; mas, como diz lá o ditado: quem semeia colhe. Mariana ficou pensativa, e dizendo entre si: – Ainda bem que ele não pode pensar de mim o que meu pai pensa. Deus sabe que não tenho esperanças nenhuma interesseiras no que fiz.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Simão chamou o ferrador, e disse-lhe:

– Meu caro João, se eu não tivesse dinheiro, aceitava sem repugnância os seus favores, e creio que vossemecê mos faria sem esperança de ganhar com eles; mas, como recebi esta quantia, há-de consentir que eu lhe dê parte dela para os meus alimentos. Motivos de gratidão a dívidas que se não pagam, ainda me ficam muitos para nunca me esquecer de si e da sua boa filha. Tome este dinheiro.

– As contas fazem-se no fim – respondeu o ferrador, retirando a mão – e ninguém nos há-de ouvir, se Deus quiser. Precisando eu de dinheiro, cá venho. Por ora, ainda está a capoeira cheia de galinhas, e o pão coze-se todas as semanas.

– Mas aceite – instou Simão – e dê-lhe a aplicação que quiser.

– Em minha casa ninguém dá leis senão eu – replicou mestre João, com simulado enfadamento. – Guarde lá o seu dinheiro, fidalgo, e não falemos mais nisso, se quer que o negócio vá direito até ao fim. E *victo-serio!*

Nos cinco subsequentes dias recebeu Simão regularmente cartas de Teresa, umas resignadas e confortadoras, outras escritas na violência exasperada da saudade. Em uma dizia:

«Meu pai deve saber que estás aí, e, enquanto aí estiveres, decerto me não tira do convento. Seria bom que fosses para Coimbra, e deixássemos esquecer a meu pai os últimos acontecimentos. Senão, meu querido esposo, nem ele me dá liberdade, nem sei como hei-de fugir deste inferno. Não fazes ideia do que é um convento! Se eu pudesse fazer do meu coração sacrifício a Deus, teria de procurar uma atmosfera menos viciosa que esta. Creio que em toda a parte se pode orar e ser virtuosa, menos neste convento.»

Noutra carta exprimia-se assim: «Não me desampares, Simão; não vás para Coimbra. Eu receio que meu pai me queira mudar deste convento para outro mais rigoroso. Uma freira me disse que eu não ficava aqui; outra positivamente me afirmou que o pai diligencia a minha ida para um mosteiro do Porto. Sobretudo, o que me aterra, mas não me dobra, é saber eu que o intento do pai é fazer-me professor. Por mais que imagine violências e tiranias, nenhuma vejo capaz de me arrancar os votos. Eu não posso professar sem ser noviça um ano, e ir a perguntas três vezes; hei-de responder sempre que não. Se eu pudesse fugir daqui!... Ontem fui à cerca, e vi lá uma porta de carro que dá para o caminho. Soube que algumas vezes aquela porta se abre para entrarem carros de lenha; mas infelizmente não se torna a abrir até ao princípio do Inverno. Se não puder antes, meu Simão, fugirei nesse tempo.»

Tiveram, entretanto, bom e pronto êxito as diligências de Tadeu de Albuquerque. A prelada de Monchique, religiosa de sumas virtudes, cuidando que a filha de seu primo muito de sua devoção e amor a Deus se recolhia ao mosteiro, preparou-lhe casa, e congratulou-se com a sobrinha de tão piedosa resolução. A carta congratulatória não a recebeu Teresa, porque viera à mão de seu pai. Continha ela reflexões tendentes a desvanecê-la do propósito, se algum desgosto passageiro a impelia à imprudência de procurar um refúgio onde as paixões se exacerbavam mais.

Tomadas todas as precauções, Tadeu de Albuquerque fez avisar sua filha de que sua tia de Monchique a queria ter em sua companhia algum tempo, e que a jornada se faria na madrugada do dia seguinte.

Teresa, quando recebeu a surpreendente nova, já tinha enviado a carta daquele dia a Simão. Em sua aflitiva perplexidade, resolveu fazer-se doente, e tão febril estava das comoções, que dispensava o artifício. O velho não queria transigir com a doença; mas o médico do mosteiro reagiu contra a desumanidade do pai e da priora, interessada na violência. Quis Teresa nessa noite escrever a Simão; mas a criada da prelada, obedecendo às suspeitas da ama, não desamparou a cabeceira do leito da enferma. Era causa a esta espionagem ter dito a escritã, numa hora de má digestão daquele certo vinho estomacal, que Teresa passava as noites em oração mental, e tinha correspondência com um anjo do Céu por intervenção duma mendiga. Algumas

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

religiosas tinham visto a mendiga no pátio do convento esperando a esmola de Teresa; mas cuidaram que era aquela pobre uma devoção da menina. As palavras irónicas da escritã foram comentadas, e a mendiga recebeu ordem de sair da portaria. Teresa, num ímpeto de angústia, quando tal soube, correu a uma janela, e chamou a pobre, que se retirava assustada, e lançou-lhe ao pátio um bilhete com estas palavras: «É impossível a nossa correspondência. Vou ser tirada daqui para outro convento. Espera em Coimbra notícias minhas.» Isto foi rapidamente ao conhecimento da priora, e logo, às ordens dela, partiu o hortelão no encalço da pobre. O hortelão seguiu-a até fora de portas, espancou-a, tirou-lhe o bilhete, e foi ao convento apresentá-lo a Tadeu de Albuquerque. A mendiga não retrocedeu; caminhou a casa do ferrador e contou a Simão o acontecido.

Simão lançou-se fora do leito e chamou João da Cruz. Naquele aperto queria ouvir uma voz, queria poder chamar amigo a um homem que lhe estendesse mão capaz de apertar o cabo dum punhal. O ferrador ouviu a história e deu o seu voto: «esperar até ver». Simão repeliu a prudencial frieza do confidente, e disse que partia para Viseu imediatamente.

Mariana estava ali; ouvira a confidência, e achara acertada a opinião de seu pai. Vendo, porém, a impaciência do hóspede, pediu licença para falar onde não era chamada, e disse:

– Se o senhor Simão quer, eu vou à cidade, e procuro no convento a Brito, que é uma rapariga minha conhecida, moça duma freira, e dou-lhe uma carta sua para entregar à fidalga.

– Isso é possível, Mariana? – exclamou Simão, a ponto de abraçar a moça.

– Pois então! – disse o ferrador. – O que pode fazer-se, faz-se.

Vai-te vestir, rapariga, que eu vou botar o albardão à égua. Simão sentou-se a escrever. Tão embaralhadas lhe acudiam as ideias, que não atinava a formar o desígnio mais proveitoso à situação de ambos. Ao cabo de longa vacilação, disse a Teresa que fugisse, à hora do dia, quando a porta estivesse aberta, ou violentasse a porteira a abrir-lha. Dizia-lhe que marcasse ela a hora do dia seguinte em que ele a devia esperar com cavalgaduras para a fuga. Em recurso extremo, prometia assaltar com homens armados o mosteiro, ou incendiá-lo para se abrirem as portas. Este programa era o mais parecido com o espírito do académico. Em vivo fogo ardia aquela pobre cabeça! Fechada a carta, começou a passear em torcicolos, como se obedecesse a desencontrados impulsos. Encravava as unhas na cabeça, e arrancava os cabelos. Investia como cego contra as paredes, e sentava-se um momento para erguer-se de mais furioso ímpeto. Maquinalmente aferrava das pistolas, e sacudia os braços vertiginosos. Abria a carta para relê-la, e estava a ponto de rasgá-la, cuidando que iria tarde, ou não lhe chegaria às mãos. Neste conflito de contrários projectos, entrou Mariana, e muito alucinado devia estar Simão para lhe não ver as lágrimas.

O que tu sofrias, nobre coração de mulher pura! Se o que fazes por esse moço é gratidão ao homem que salvou a vida a teu pai, que rara virtude a tua! Se o amas, se por lhe dar alívio às dores, tu mesma lhe desempeces o caminho por onde te ele há-de fugir para sempre, que nome darei ao teu heroísmo?! Que anjo te fadou o coração para a santidade desse obscuro martírio?!

– Estou pronta – disse Mariana.

– Aqui tem a carta, minha boa amiga. Faça muito por não vir sem resposta – disse Simão, dando-lhe com a carta um embrulho de dinheiro.

– E o dinheiro também é para a senhora? – disse ela.

– Não, é para si, Mariana: compre um anel.

Mariana tomou a carta e voltou rapidamente as costas, para que Simão lhe não visse o gesto de despeito, se não desprezo.

O académico não ousou insistir, vendo-a apressar-se na descida para o quinteiro, onde o ferrador enfreava a égua.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

– Não lhe chegues muito com a vara – disse João da Cruz a Mariana, que, dum pulo, se assentou no albardão, coberto duma colcha escarlate.

– Tu vais amarela como cidra, moça! – exclamou ele, reparando na palidez da filha. – Tu que tens?

– Nada; que hei-de eu ter?! Dê-me cá a vara, meu pai.

A égua partiu a galope, e o ferrador, no meio da estrada, a rever-se na filha e na égua, dizia em solilóquio, que Simão ouvira:

– Vales tu mais, rapariga, que quantas fidalgas tem Viseu! Pela mais pintada não dava eu a minha égua; e, se cá viesse o Miramolim de Marrocos pedir-me a filha, os diabos me levem se eu lha dava! Isto é que são mulheres, e o mais é uma história!